



O Papel Do Ciberativismo Nos Movimentos Sociais Contemporâneos: Uma Análise Do Movimento “*Occupy Wall Street*”¹

Paula Camilla FELIPE²

Instituto de Educação Superior da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

O desenvolvimento do ciberespaço, como plataforma de reconfiguração da sociedade contemporânea e das trocas sociais existentes, trouxe mudanças aos processos de mobilização social e ativismo, que passam a ser praticados na *web* através do ciberativismo. O trabalho tem como objeto de estudo analisar o movimento ativista de mobilização social *Occupy Wall Street*, e a presença da *web 2.0* e suas ferramentas interativas na construção e disseminação da causa.

PALAVRAS-CHAVE: ciberativismo; mobilização; *web*; *Occupy Wall Street*.

Introdução

Os meios de comunicação digital, também conhecidos como novas mídias, causaram nas pessoas o interesse em explorar novas formas de comunicação e um novo ambiente midiático. É a rede, ou ciberespaço, que surge com a interconexão mundial dos computadores, e que cria e desenvolve a cibercultura, que é o resultado da mistura de distintos grupos e culturas, do social, em torno das novas tecnologias.

Com a ascensão dessas novas formas de comunicação um novo comportamento nas pessoas foi possibilitado. Elas passaram de meros espectadores das mídias tradicionais de massa, a produtores de conteúdo e informação na cultura digital. A *web* possibilita ao internauta exercer o papel de “veículo de comunicação” que pode transformar a mensagem, e não ser apenas o espectador condicionado a receber a mensagem como ocorria com as mídias de massa. A comunicação deixa de ser de um para todos para ser de todos para todos. Esse novo papel que o internauta passa a ter é resultado de uma das principais características da cibercultura: a interatividade.

E desde seu surgimento a *web* vem passando por transformações, presenciamos a evolução da *web 1.0* a algo mais novo e apropriado aos novos tempos, a

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior 05 – Rádio, Tv e Internet do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Bacharel do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Instituto de Educação Superior da Paraíba – IESP, email: paulacamilla.felipe@gmail.com.



web 2.0, que possibilita o compartilhamento de conteúdo, a liberação do polo de emissão, a sociabilidade e conversação, a participação, a reconfiguração das mídias sociais interativas.

E para possibilitar esse uso mais interativo que a *web 2.0* propõe surgem diversas ferramentas e plataformas a serem utilizadas pelos usuários. Elas permitem a interação, a troca de experiências, ideias e opiniões, formando uma inteligência coletiva, que através da participação de todos na construção do conteúdo formam a *web 2.0*. E entre as mais conhecidas e utilizadas ferramentas estão as plataformas de *blogging* (*Wordpress, Blogger, Tumblr*), os sites de redes sociais (como *Orkut, Facebook, Google+, LinkedIn, Twitter*), as *wikis* (como a *Wikipedia*), os sites de compartilhamento de arquivos (*Dropbox e 4shared*), os sites de compartilhamento de vídeos (como *Youtube, Vimeo, Livestream*) e os de fotos (como *Flickr, Pinterest, Picasa*).

E com todas essas mudanças no cenário midiático, as relações sociais entre as pessoas também mudaram. A sociedade agora possui uma ferramenta importante de compartilhamento, que auxilia o povo na busca de seus direitos, lhes dando voz e espaço de reivindicação, maior poder de interação, conversação e também a possibilidade de produzir conteúdo. A internet reconfigura também as relações de poder e representação, dando mais força aos movimentos mobilizadores e as ações coletivas.

Nesse contexto surge o ciberativismo, como sendo a prática de protestar em favor de alguma causa, seja ela de cunho político, social, ambiental ou cultural, através do ambiente digital, da internet, e seria uma forma de ativismo reconfigurada, onde se soma o ativismo *web* ao praticado efetivamente nas ruas.

E o tema deste trabalho refere-se justamente ao ciberativismo presente na sociedade atual e ao uso que foi feito da internet e das ferramentas da *web 2.0* nas mobilizações sociais mais recentes da nossa história, que tinham o objetivo de mudar a realidade, como ocorreu no movimento *Occupy Wall Street*, e a importância da *web* para o sucesso das causas.

Oriundo de uma pesquisa maior, realizada para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso, o presente artigo tem como objetivo principal realizar um estudo que nos auxilie a perceber o potencial das ferramentas da *web 2.0* na concepção, disseminação e continuidade dessas mobilizações sociais. Ressalta-se, então, que, devido à limitação do espaço, alguns aspectos da teoria e do objeto de análise não serão abordados no artigo, que se limitará a trazer os conceitos mais relevantes para atender ao objetivo proposto.



Ciberativismo

Buscando uma definição exata dos termos, o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa define ativismo como sendo uma “doutrina ou prática que preconiza ação política vigorosa e direta”, e o termo ativista como sendo “relativo ao, ou que é partidário do ativismo”.

Já a enciclopédia *online Wikipédia*³ (2012) traz a seguinte definição para o termo ativismo:

Ativismo pode ser entendido como militância ou ação continuada com vistas a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta, através de meios pacíficos ou violentos, que incluem tanto a defesa, propagação e manifestação pública de ideias até a afronta aberta à lei, chegando inclusive à prática de terrorismo.

Jordan (2002) caracteriza o ativismo político como sendo ações coletivas que geram transgressão e solidariedade. Seguindo a sua ideologia, a transgressão é essencial ao ativismo, pois a mesma significaria o protesto a alguma situação social visando sua transformação, já a solidariedade é essencial ao ativismo, pois garante a coletividade agindo conjuntamente em busca da transgressão.

Assis (2006), dentro desse contexto, traz ainda a noção de ação direta e indireta. Para o mesmo, uma ação indireta seria o processo eleitoral, por exemplo, enquanto que a ação direta “é a manifestação na rua, a greve, o boicote, a sabotagem – qualquer ação positiva (fazer algo) que tenha implicações concretas, e geralmente imediatas, sobre seus alvos.” (ASSIS, 2006, p. 14). Mas e o que busca um ativista político?

O ativista político é um “radical” envolvido em ações políticas diretas e indiretas sempre fora do âmbito institucional. É “mais” que um militante – participa de um grupo, segue seus ideais, mas também vai às ruas e cria situações de confronto com seus alvos – e “menos” que um revolucionário – suas ações não buscam remodelar o sistema de poder vigente de forma impositiva. O ativista é um agente engajado, movido por sua ideologia a práticas concretas – de força física ou criativa – que visam desafiar mentalidades e práticas do sistema sócio-

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Página_principal



político-econômico, construindo uma revolução a passos pequenos. (ASSIS, 2006, p. 14).

Desta forma, o ativismo, como sendo as ações realizadas coletivamente em busca da transformação de uma dada realidade social ou política, podendo ter um caráter de protesto, manifestação, deve atuar em favor de causas que garantam os direitos da sociedade, atendendo no âmbito social, trabalhista, ambientalista, para ajudar os animais, por autonomia, por respeito às diversidades de gênero e raça, para monitorar a política do lugar em que você vive.

O ciberativismo, portanto, é uma forma de protestar em favor de alguma causa, seja ela de cunho político, social, ambiental ou cultural, através do ambiente digital ou da internet. Como define Rigitano (2003, p. 3) “entende-se por ciberativismo a utilização da internet por movimentos politicamente motivados pelo intuito de alcançar certas metas ou lutar contra injustiças que ocorrem na própria rede”.

O ciberativismo seria uma forma de ativismo reconfigurada, onde se soma o ativismo *web* ao ativismo praticado nas ruas. É importante enfatizar isso, um não anula o outro, eles apenas passam a se complementar, como um ato público que passa a ser organizado a partir de um evento no *facebook*, por exemplo. A diferença é que com o ativismo praticado pela internet, promover uma mobilização e conseguir a participação ficou mais fácil, rápido e com custo mais baixo. Percebe-se nesta atuação um vislumbre do modo como as ferramentas de comunicação e, em particular, as intituladas novas mídias atuam para transformar os processos de mobilização e participação fazendo do ativista no ciberespaço um verdadeiro disseminador da democracia.

O movimento *Occupy Wall Street*

O movimento *Occupy Wall Street* pode ser considerado o evento político mais importante que aconteceu nos Estados Unidos nas últimas décadas (WALLERESTEIN, 2011), e outro exemplo sólido da importante contribuição da Internet para o sucesso da causa. Mais uma vez os protestos das ruas ganhando força devido à mobilização na web.

Inspirados pelas mobilizações que já vinham acontecendo em diversos países do mundo desde o início de 2011, como os protestos da primavera árabe, o *Occupy Wall Street* começou com a disseminação da ideia na internet em Julho do mesmo ano pela revista canadense *Adbuster*, que critica a publicidade. A proposta da publicação era ocupar o distrito financeiro de *Wall Street* no dia 17 de Setembro, dia da Constituição americana, para protestar contra a influência que as grandes corporações financeiras têm sobre o governo, principalmente os bancos (a quem eles atribuem a culpa pela crise econômica que assolou os EUA em 2008), a ganância empresarial que visa sempre o lucro, o sistema capitalista como um todo, e também contra a crescente desigualdade social e da distribuição das riquezas do país. O Slogan da campanha era “*We are the 99 percent*” (“nós somos os 99%”, em português), que elucida a situação da maioria da população americana que não detém a maior parte das riquezas, contra o 1% mais rico do país.

A ocupação, que foi organizada praticamente toda na rede, conseguiu levar de início cerca de mil manifestantes a acampar no *Zuccotti Park*, nas imediações de *Wall Street* em Nova York, no dia 17 de Setembro. A total falta de interesse por parte da mídia tradicional tratou o caso parecia levar o movimento ao insucesso, entretanto, a internet mais uma vez mostrou sua força e cumpriu seu papel de disseminar o que estava acontecendo. Tudo porque a polícia resolveu censurar e agir com brutalidade contra os manifestantes, na tentativa de dispersar o movimento, tudo foi filmado e posteriormente disponibilizado no *Youtube*, o que contribuiu para revoltar as pessoas e convocar novos manifestantes. O *Anonymous*⁴ foi fundamental nessa primeira fase de divulgação dos protestos, através de muitos vídeos postados e mensagens enviadas.



Figura 4: Manifestantes do *anonymous* nos protestos do *Occupy Wall Street*

⁴ *Anonymous* é um grupo *hacktivista* internacional, formado por membros anônimos, como o próprio nome indica em inglês. O grupo atua em diversas frentes, geralmente "defendendo causas em prol da sociedade". Como forma de protesto, o *Anonymous* invade páginas na Internet e derruba sites, dentre outras ações.

Uma manifestante que participou efetivamente do movimento exalta a importância das mídias digitais no *Occupy Wall Street* quando, em entrevista ao site estadão, diz:

Uma coisa importante de perceber é que, apesar de termos recursos limitados, nós temos um centro de mídia gigante aqui no parque. É um grupo de pessoas que está subindo fotos no Facebook, no Twitter, espalhando tudo pela web. Assim que temos algum vídeo, fazemos o possível para disseminá-lo o mais rapidamente. O que é bem diferente do que se esse mesmo tipo de protesto acontecesse há cinco anos, quando era muito mais difícil disseminar informação. Também organizamos a ascensão de hashtags no Twitter justamente para chegar à principal lista do site e fazer que as pessoas descubram do que estamos falando. Isso também não existia a cinco anos.

Para sustentar o movimento, que com a adesão de mais pessoas necessitava de uma estrutura física mínima, de alimentação para os manifestantes, de acesso à rede etc. a organização contou com mais de US\$ 300.000 dólares arrecadados também através da internet, o que mostra o apoio e o respaldo popular aos protestos. Foi criado pela *Avaaz* um abaixo-assinado em prol da campanha e que contabilizou mais de 540 mil assinaturas, que eram divulgadas em tempo real a cada nova assinatura em um contador instalado pela instituição no centro de Nova York, além da divulgação no site. Ações como essas mostram como a população americana se envolveu de fato com a causa.



Figura 5: contador de assinaturas arrecadadas pelo Avaaz no centro de Nova York.

Após algumas semanas de ocupação em Nova York o movimento se espalhou por todo o país, nas cidades, bairros e ruas, e alguns espaços urbanos dessas localidades também foram ocupados. Os protestos se espalharam por cidades como *Boston, Chicago, Los Angeles, Washington, Tampa e Portland*. E o que começou com

um pequeno grupo de insatisfeitos, conseguiu sensibilizar uma população capitalista por natureza a protestar contra as desigualdades que esse sistema econômico os impõe.

Às vésperas de completar um mês de ocupação, e com adesão de cidadãos de várias partes do mundo, foi organizada, por meio de redes sociais e páginas na internet – principalmente pelo *Facebook* - uma grande mobilização em diversas cidades do mundo no dia 15 de Outubro. De fato, foram “ocupadas” mais de 1000 outras cidades espalhadas por 80 países. No Brasil, houve “filiais” do movimento em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Natal e Campinas.

O movimento em São Paulo ficou conhecido como Acampa Sampa, e os manifestantes adequaram os protestos à realidade brasileira, pedindo o fim da representação política dos partidos, sendo a favor da autogestão, transporte público gratuito, mais igualdade social, a descriminalização do aborto. Primeiro houve uma passeata no centro da cidade, que os levou ao local da ocupação, no Anhangabaú.

E para divulgar a causa o grupo fez uso de diversas ferramentas da web 2.0 como: *Facebook*, *Twitter*, *blogs*, *Livestream*, *Flickr* e *Youtube*. No *Facebook*, onde a ocupação foi organizada, mais de 2.000 pessoas confirmaram presença na página do evento. Já no *Youtube*, foram disponibilizados pelo grupo mais de 50 vídeos no canal do Acampa Sampa.



Figura 6: ocupação do #AcampaSampa no centro de São Paulo.

Os números deste movimento no Brasil podem ser considerados tímidos, entretanto, é bom levar em conta o fato de que o país não possui tradição de grandes manifestações populares.

E assim como aconteceu nos EUA, ativistas em Londres e em Madri também marcaram seus protestos e ocupação. Em Londres, os manifestantes também se organizaram através das redes sociais para protestar em frente à Bolsa de Valores da cidade, chamando a atenção para as injustiças que as economias tinham causado no mundo. Em Madri os protestos aconteceram na *Plaza Del Sol*, no centro da capital, contra os altos índices de desemprego no país.

Os Estados Unidos, por ser um país desenvolvido, conta com um serviço de internet rápida e com ampla cobertura, que chega a quase todos os lares, além de estar disponível de graça em muitos ambientes públicos. Segundo dados, os americanos correspondem a 23,3% dos usuários de todo o mundo. A facilidade do acesso, então, foi inegavelmente um dos fatores que levaram a grande mobilização que se formou no ambiente virtual durante os protestos do *Occupy Wall Street*.

A internet funcionou principalmente no recrutamento de novas adesões ao movimento e também na disseminação do que acontecia nos locais ocupados em tempo real. Entretanto, houve alguns casos que ganharam maior visibilidade, como o do sargento dos *Marines*, Shamar Thomas, ex-combatente no Afeganistão, que em meio aos protestos acontecendo viu a polícia agredindo manifestantes e discursa ali mesmo na rua condenando a atitude da polícia, dizendo que os agentes estavam ferindo os ideais do país ao agredir os cidadãos de bem. O episódio foi filmado e o vídeo publicado no *Youtube*, onde recebeu em menos de dois dias meio milhão de acessos.



Figura 7: Trecho do vídeo do sargento Shamar Thomas que circulou pela internet.

E a repressão com que a polícia agia durante os protestos foi um capítulo a parte, centenas de vídeos foram publicados, gerando revolta nas pessoas. E um em especial foi mais repercutido, nele um policial aparecia jogando *spray* de pimenta nos

manifestantes, e um *Tumblr*⁵ satirizando o policial virou mania na internet, com montagens do policial jogando *spray* de pimenta em bonecos de lego, em biscoitos caseiros, em jogos de vídeo *game*, e muitos outros exemplos.



Figura 8: *Tumblr Pepper Spraying Cop*

Outro caso que repercutiu bastante foi o da estudante Molly Katchpole de 22 anos em *Washington*, que publicou um vídeo onde protestava contra a nova medida do *Bank of America*, e que seria adotada por outros bancos, de cobrar US\$ 5 dólares dos clientes a cada vez que utilizassem seus cartões de débito, o desabafo de Molly teve mais de 300.000 acessos, e com a repercussão que gerou os bancos acabaram cancelando a medida. Mais uma vitória dos internautas.

E fora esses casos de maior repercussão, a mobilização também conseguiu movimentar de fato as ações através de algumas mídias sociais. No *Facebook*, eventos foram criados (onde as pessoas confirmavam sua presença nos protestos), vídeos, fotos e testemunhos foram postados. A página oficial do movimento hoje na rede social é curtida por 412.000 mil pessoas e tem um fluxo de conteúdo disponibilizado bastante significativo e atual, pois o grupo ainda não acabou. Na época possuía 22.000 mil curtidas, e fora essa página oficial, foram criadas páginas dos movimentos de *Boston*, *Los Angeles*, *Filadélfia*, *Knoxville*, da Espanha, dentre outras.



Figura 9: Perfil do movimento Occupy Wall Street em Dezembro de 2012.

⁵ <http://peppersprayingcop.tumblr.com/>



Figura 10: Atualizações do perfil do movimento no Facebook em Dezembro de 2012.

O *Twitter* foi um canal de divulgação simultâneo ao que acontecia no momento nos locais de ocupação, através de várias *hashtags* como *#Occupy*, *#OccupyLA*, *#OccupySpain*, e muitas outras, a organização dos protestos conseguia repercutir os fatos e convocar novos manifestantes a participarem. Na época o perfil oficial *@OccupyWallSt* possuía quase 39.000 mil seguidores, hoje conta com quase 200.000 mil seguidores.



Figura 11: Perfil do movimento no Twitter em Dezembro de 2012.



Figura 12: Cartaz durante protestos que mostrava a *hashtag* do movimento.

Nas plataformas de compartilhamento de vídeos, a audiência também foi grande. Em seu canal no *Livestream* o grupo contava com quase 4.000 mil espectadores, que estava ali para acompanhar ao vivo e em vídeo o que estava acontecendo. O *Youtube* também era bombardeado com vídeos a respeito das manifestações, e hoje apresenta 239.000 mil resultados a busca por “*occupy wall street*”, que vão desde documentários, a matérias que foram exibidas em TVs, e vídeos filmados pelos manifestantes.

Os blogs também tiveram um papel importante nessa jornada, pois foi a partir deles que vários textos que noticiavam o que vinha acontecendo, assim como declarações públicas de apoio ao movimento por parte de pessoas influentes como artistas e intelectuais, foram publicados. Como fez o polêmico cineasta americano Michael Moore, que visitou os acampados de *Wall Street* e chamou a população para participar das manifestações através de um vídeo postado em seu blog mais ou menos um mês após o início da ocupação. O *Tumblr* também foi uma ferramenta importante, o perfil “Nós somos os 99%”⁶ gerou grande impacto, pois possuía um apelo mais sentimental, onde as pessoas contavam suas histórias de como foram afetadas com a crise financeira através de cartas escritas a mão e postadas em fotos. O site hoje possui quase 3.000 mil relatos.



Figura 13: Perfil do *Tumblr* “*We are 99 percent*”.

⁶ www.wearethe99percent.tumblr.com



Figura 14: Vídeo publicado no dia 21 de outubro de 2011 no blog do cineasta americana Michael Moore.

O site oficial do movimento⁷ também pode ser considerado uma fonte de divulgação do grupo, é por lá que as pessoas podem fazer suas doações, que elas têm acesso a notícias mais recentes do grupo, podem participar de fóruns e chats de discussão, ficam por dentro de seus projetos e tem acesso aos perfis oficiais do grupo nas redes sociais. Um outro meio que os interessados tem para se comunicar.

Apesar de todos os esforços e tentativas frustradas dos manifestantes em manterem a ocupação no *Zuccotti Park* em Nova York, eles foram expulsos pela polícia americana em 15 de novembro de 2011, quase dois meses depois do início da ocupação. Porém o movimento não acabou e os manifestantes passaram a organizar ocupações em bancos e sedes de empresas. Hoje o grupo que faz o movimento *Occupy Wall Street*, embora sem grande visibilidade, como a que alcançou em 2011, continua se envolvendo em protestos e organizando novos projetos que visam transformar a realidade social.

Não só no *Occupy Wall Street*, como nos demais movimentos com as mesmas características, é importante percebermos o quanto a *web 2.0* e suas ferramentas interativas passam a ser o principal canal de comunicação e divulgação dessas causas. A cada *post* publicado, a cada *tweet* lançado, a cada vídeo postado, mais e mais pessoas descobrem a causa, e após essa descoberta passam a se engajar no movimento, produzindo novos *posts*, novos *tweets*, novos vídeos, em um círculo virtuoso que pode ser explorado por qualquer tipo de movimento, ou por qualquer tipo de causa.

⁷ <http://occupywallst.org/>



Considerações Finais

Através deste trabalho podemos compreender como a partir do desenvolvimento da *web* e da cibercultura as relações e trocas sociais mudaram a sociedade contemporânea. Vivemos em uma sociedade em rede, com uma nova estrutura social, de poder e cultura. E com a internet as pessoas passaram de espectadores, como ocorria com as mídias tradicionais de massa, a produtores de conteúdo, pois houve a liberação do polo de emissão, permitindo aos usuários que os mesmos produzam e distribuam informação no ambiente virtual, criando um movimento de compartilhamento e troca de saberes e conhecimentos que acaba levando a uma Inteligência Coletiva.

De fato o *Occupy Wall Street* foi, além de protestos e ocupações nas ruas, vídeos postados no *Youtube*, fotos no *Tumblr* e *Flickr*, textos em blogs, *hashtags* no *Twitter*, páginas e fóruns de discussão no *Facebook*, eventos no *livestream*, e que juntos transformaram a agenda política e econômica dos EUA e trouxeram a tona a questão da disparidade na distribuição de renda no país. Foi um movimento social que seguiu as tendências dos novos tempos, onde a informação é feita por todos e para todos, e o compartilhamento de conteúdo é global. Entretanto, é importante ressaltar que a revolução na *web* é um complemento à revolução nas ruas, e vice e versa. A internet auxiliou o protesto em si ao quebrar o silêncio imposto pelas mídias tradicionais, deu visibilidade. Porém, pode-se dizer que o impacto não teria sido tão grande se eles tivessem ficado apenas na *web*, sem ganhar as ruas.

Isso faz com que verifiquemos que, cada vez mais, o prefixo “ciber” deixará de ser necessário para pontuar o ativismo que as pessoas analisadas neste trabalho se propuseram a fazer. Tais ferramentas fazem parte de nosso dia-a-dia, sem distinção entre real e virtual. A sua relação com o mundo “real” tende a ser a cada dia mais indissociável. Se um protesto começa em uma praça ou em uma rede social pouco importa, o interessante é que tais indivíduos estão usando essas “armas” para mudar o seu mundo.



Referências

ALMEIDA, Yure. **Ciberativismo: da rua para as redes**. In: III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO JURÍDICA POPULAR, 2011, Salvador. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/herdeirodochaos/ciberativismo-da-rua-para-as-redes>>. Acesso em: 20 out. 2012.

ASSIS, Érico. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. 2006. 273 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <<http://pontomidia.com.br/erico/rodape/ericoassis-dissertacao.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BATISTA, Jandré; ZAGO, Gabriela. **Ativismo em Redes Sociais Digitais: Os fluxos de comunicação no caso #forasarney**. Estudos em Comunicação, Covilhã, n. 8, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/08/pdf/EC08-2010Dez-08.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Da internet às ruas e às contas bancárias**. 2011. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/11/08/da-internet-as-ruas-e-as-contas-bancarias/>> Acesso em: 23 nov. 2012.

COSCELLI, João. **A revolução será twittada**. 2011, acessado em 15 nov. 2012 e disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,a-revolucao-sera-twittada,812020,0.htm>>.

FREIRE, Geovana Maria Cartaxo de Arruda; SANTOS, Paloma Maria; BERNARDES, Mariele Berger; ROVER, Aires José. **O ciberativismo na construção da ciberdemocracia: análise do portal wikicidade de Porto Alegre**. In: 40 SIMPÓSIO ARGENTINO DE INFORMÁTICA Y DERECHO, JAIIO, 2011, Córdoba, Anales del SID 2011 Simposio Argentino de Informática y Derecho. ISSN: 1850-2814. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/artigo-o-ciberativismo-na-constru%C3%A7%C3%A3o-da-ciberdemocracia-an%C3%A1lise-do-portal-wikicidade-de-por>>. Acesso em: 20 out. 2012.

GABRIEL, Martha. **Marketing na era digital: conceitos, plataformas e estratégias**. 1. ed. São Paulo: Novatec Editora, 2010.

JORDAN, Tim. **Activism!**. London: Reaktion Books, 2002.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAZZETI, Henrique. **Ativismo midiático, redes sociais e novas tecnologias de informação e comunicação**. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2007, Juiz de Fora. Anais eletrônico... Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. GT Práticas sociais de comunicação. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0688-2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.



MORAES, Dênis de. **O ativismo digital.** 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>>. Acesso em: 20 out. 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo.** Revista USP, São Paulo, n.86, Jun. /Ago. 2010. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/revusp/n86/04.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.

RIGITANO, Maria Eugenia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídia independente.** In: I SEMINÁRIO INTERNO DO GRUPO DE PESQUISA EM CIBERCIDADES, 2003, Salvador. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2012.

ROVIRA, Jordi. **Castells, sobre Internet e Rebelião: “É só o começo”.** 2011. Disponível em: <<http://www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco/>> Acesso em: 23 nov. 2012.